

A oração que não foi lida ao professor Pedro Paulo Manus

A coluna está de luto pela perda de seu entusiasta primeiro, professor Pedro Paulo Teixeira Manus, e, por essa razão, a reflexão trabalhista que fica é a da memória do formador de apaixonados pelo Direito



Paulo Sergio João
Professor e Advogado

Este texto que segue deveria ter sido lido por mim no 4º Simpósio

Internacional de Direito do Trabalho e Processo do Trabalho, promovido pela Associação dos Advogados de São Paulo, pela Escola Superior de Advocacia da OAB de Goiás e pela Escola Superior de Advocacia Nacional, nos dias 26 e 27 de março de 2020. O tema da minha exposição seria "A reparação dos danos extrapatrimoniais na Justiça do Trabalho". Após a apresentação, fui convidado pelos organizadores a homenagear o professor Pedro por meio de uma oração.

O evento foi cancelado em razão da pandemia da Covid-19 e se calou a oração.

Aguardei outra oportunidade, outro evento, mas não veio, o que me leva a fazê-lo agora, com muita tristeza pela ausência física do homenageado, mas certamente receberá por outras vias.

Tivemos uma amizade de 52 anos e nos acompanhamos, um ao outro, nas escolhas profissionais que fizemos desde os primeiros anos da Faculdade de Direito da PUC-SP.

Não pretendo repetir todo o curriculum acadêmico e carreira do professor e magistrado Pedro Paulo Teixeira Manus. Vou me permitir chamá-lo, com a certeza de sua licença, de Pedro daqui em diante.

O gosto pelo ensino e pela formação de pessoas começou já no primeiro ano da faculdade, em 1969.



Jovens todos nós (Pedro com 17 anos), ele abraçou a proposta do desafio de, nos anos 70, durante o regime militar, participar da organização de um curso preparatório para ensino fundamental e médio na região operária de São Bernardo do Campo. Tratava-se de um curso equivalente ao supletivo de hoje, na época chamado de Madureza. O Pedro era o professor de Geografia. Eu dava aula de Português e o Gerson Mendonça Neto, de História Geral. Com o tempo, outras disciplinas foram agregadas. Logo, com ele, vieram amigos: Armando, Vera, Bonfá, Rener, Dácio.

O interesse dos trabalhadores da região foi muito grande, mas enfrentávamos uma dificuldade: o trabalho em regime de turnos impedia que os operários frequentassem regularmente os cursos de um só período. Nosso grupo, então, resolveu formar um curso em revezamento de turnos para atender a esses operários de tal modo que a mudança de horário de trabalho não afetava o acompanhamento do curso. A notícia se espalhou e logo, nos horários de saída das fábricas, os ônibus das empresas tinham parada obrigatória para deixar os trabalhadores para o curso. Depois, houve alteração da jornada para três turnos e, sem abandonar os interessados, veio o curso para três turnos. Mais tarde, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC deu continuidade à ideia, utilizando-se de alguns profissionais que tinham adquirido a experiência.

Seguimos na faculdade de Direito e tive a oportunidade de ser estagiário na Procuradoria do Trabalho (Ministério Público do Trabalho) por indicação do Pedro, onde, sob a orientação do dr. Carmo Domingos Jatene e de Rubens Tavares Aidar, pudemos mergulhar em grande aprendizado nos processos trabalhistas e, em especial, nos momentos inesquecíveis na assistência a menores de idade desacompanhados de responsável legal.

Após a conclusão do curso de Direito, iniciamos na vida acadêmica como auxiliar de ensino do professor Cássio Mesquita Barros e nunca mais abandonamos o magistério.

Nossa viagem para a Europa, ele em Roma e eu, no Porto e, depois, Madri, foi marcada pelos grandes acontecimentos políticos, como a Revolução dos Cravos e a morte de Franco. Os movimentos sindicais e trabalhistas chamavam a atenção. Assistimos à transformação e construção de novos modelos e estruturas políticas e sindicais, razão pela qual sempre comungamos da ideia de que, talvez, no Brasil um dia seria possível o encontro de um sindicalismo mais autêntico, depois de passar pela renúncia ao modelo posto desde 1943.

O Pedro retornou para o Brasil e seguiu sua carreira de assessor e, depois, na magistratura, revelando-se juiz exemplar, vocacionado, sempre apaixonado pela função, afável com as partes e advogados. Era um magistrado admirado por todos, que não estabelecia barreiras a quem o procurava, atendendo a todos com a mesma delicadeza, cheio de brincadeiras sobre os mais diversos assuntos e, com muita alegria, falava sempre do São Paulo Futebol Clube.

Frequentamos juntos o curso de pós-graduação na USP com amigos saudosos, como Annibal Fernandes. Logo veio o título de mestre, em 1983, com a dissertação "Alteração Salarial e o Salário Condição". Dessa época também são os cursos destinados a trabalhadores sobre formação de liderança sindical no Instituto Dino Bueno.



O doutorado na PUC-SP foi uma questão de tempo, em 1995, com a tese "Despedida Arbitrária ou Sem Justa Causa", obra de referência incontestada sobre o assunto.

O Pedro formou uma família linda com sua esposa, Maró, nossa colega de turma, e o filho Paulo José e as filhas Marina e Ruth, além das netas Rita, Luiza e Felipa.

O Pedro me deu a oportunidade de conhecer seus amigos, fazendo-me sentir um irmão a cada apresentação, sentimento que seguiu minha vida com profunda amizade.

Eu termino para dizer que, quando preparava esta homenagem, em março de 2020, escrevi que "*a oportunidade de ocupar este lugar e saudar o professor Pedro Paulo Manus é rara! Muitos gostariam de expressar publicamente esse sentimento de honra e júbilo. Fico ainda mais honrado com este momento em razão da trajetória que tivemos ao longo da vida*".

Incompreensível para mim sua ausência! Ficam suas reflexões e as saudades do meu amigo Pedro para sempre!

Date Created

31/12/2021